



 **NOVA
LETRA**

uma publicação CEDAC



NOVA LETRA

Coordenação Geral

Cristina Pereira

Edição / Textos

Chico Mattoso

Coordenação de Produção

Fátima Assumpção

Projeto Gráfico e Editoração

Estúdio Pedra

Ilustrações

Professoras e Alunos do Programa
Escola que Vale e do Programa
Emails Pedagógicos Telemar

Fotos

Equipe Cedac

Produção Gráfica

Raquil Lange

Revisão de Texto

Thyago Nogueira

PARCEIROS EM PROJETOS

Albras	Instituto Paulo Montenegro /
Beí Comunicação	IBOPE
Canal Futura	Instituto Takano
Cia Suzano de Papéis e Celulose	Instituto Telemar
Companhia Vale do Rio Doce	Instituto Unibanco
Festa Literária Internacional de Parati	Oz Design
Fundação Vale do Rio Doce	Pará Pigmentos S.A
Instituto Ecofuturo	Petrobras
Instituto Embraer	Unesco

PREFEITURAS E SECRETARIAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO DE:

Açailândia (MA)	João Neiva (ES)
Aimorés (MG)	Jundiá (SP)
Alto Alegre do Pindaré (MA)	Marabá (PA)
Barcarena (PA)	Paragominas (PA)
Canaã dos Carajás (PA)	Parauapebas (PA)
Catas Altas (MG)	Rio Piracicaba (MG)
Curionópolis (PA)	São José dos Campos (SP)
Eldorado dos Carajás (PA)	São Luís (MA)
Governador Valadares (MG)	Serra Pelada (PA)
Ipixuna do Pará (PA)	Vassouras (RJ)
Itatiaia (RJ)	Visconde de Mauá (RJ)



EDITORIAL

Indo direto ao assunto, pode-se dizer que o principal foco do CEDAC é a *aprendizagem*. Em todos os projetos em que nos envolvemos, em todos os nossos espaços de trabalho, em todos os produtos que geramos, nossa lente está sempre voltada para os processos que envolvem o ato de aprender.

Estamos preocupados em aprofundar as discussões e reflexões sobre educação. Para isso, trabalhamos diretamente na formação de professores, diretores e supervisores, organizamos e avaliamos projetos educacionais, gerenciamos pessoas e recursos, por aí vai. Acreditamos no poder transformador do conhecimento, e buscamos a democratização de seu acesso.

Este informativo tenta fazer um vôo panorâmico sobre os projetos realizados ou apoiados pelo CEDAC. A idéia não é fazer um relatório exaustivo desses projetos, mas fornecer um olhar “fresco” sobre eles, aproximando o leitor do espírito que os move. Também por isso, escolhemos ilustrar os textos com trabalhos de professores e alunos que participaram das nossas atividades.

Como o leitor vai notar, alguns dos textos são crônicas, outros quase ficcionais. Dessa variedade de olhares, esperamos que seja possível visualizar nossos projetos e, de quebra, compartilhar conosco o grande barato que é trabalhar com educação. ■





ESCOLA QUE VALE

Se fosse preciso escolher uma palavra pra definir o Programa Escola que Vale, talvez a eleita fosse esta: parceria. Não se trata de figura de linguagem: foi por ter profunda convicção de que educação se faz com o apoio e a colaboração da sociedade que a Fundação Vale do Rio Doce, em conjunto com o CEDAC e prefeituras de diversas cidades do Brasil, mergulhou de cabeça nesse projeto.

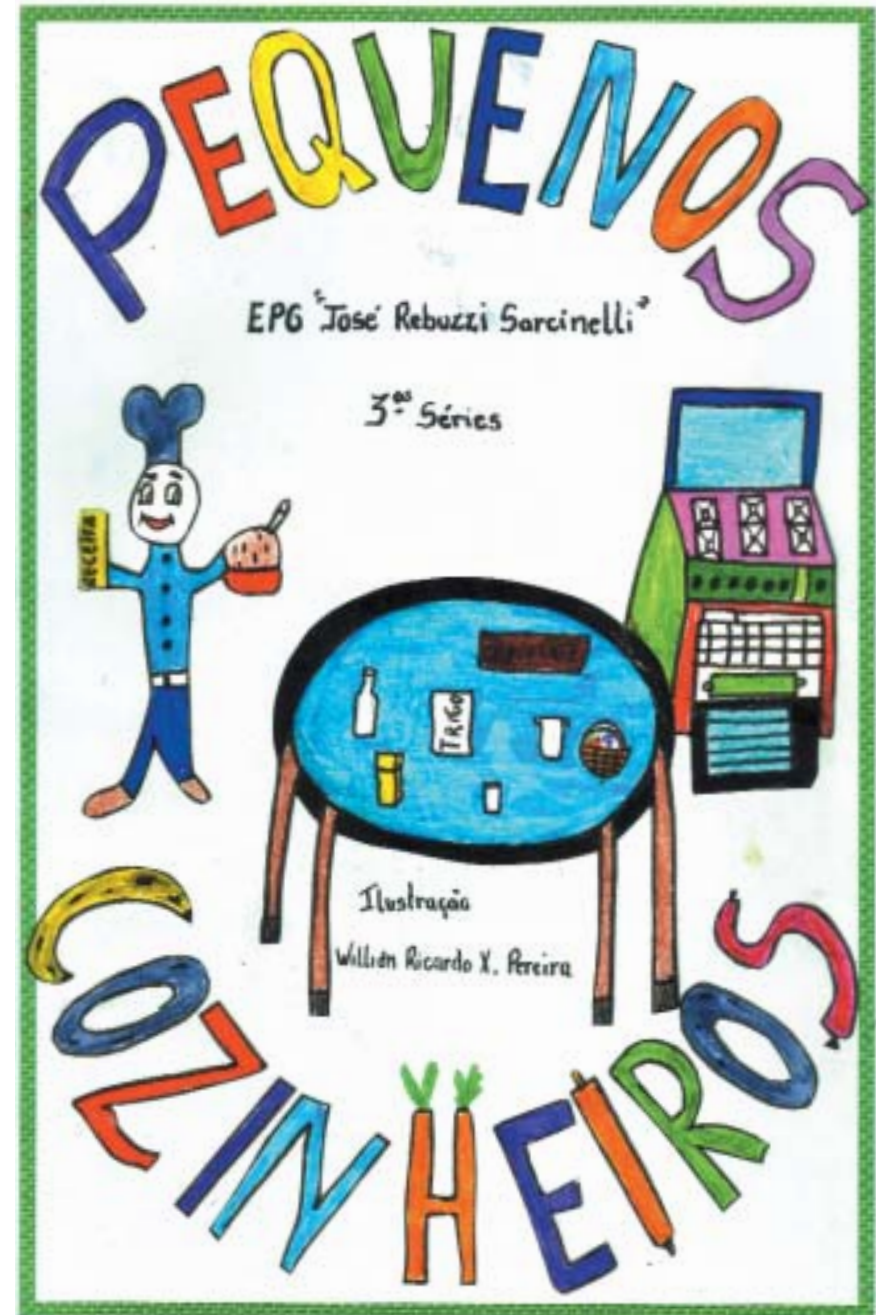
Destinado às redes municipais de ensino, o Escola que Vale tem como principal objetivo desenvolver e capacitar professores, ajudando-os a formar alunos que sejam verdadeiros cidadãos da cultura escrita. A idéia, com o perdão da frase feita, é ampliar os horizontes, retirar os antolhos que dificultam uma visão mais abrangente do universo do conhecimento. E criar responsabilidades – e dificuldades, e preocupações – na cabeça de cada um.

Uma coisa é certa: sem professores preparados, a escola jamais poderá se transformar num espaço de formação permanente, aberto à análise e à reflexão da realidade. Mas isso não se faz apenas com a capacitação; também é preciso estrutura material, acompanhamento efetivo, espaços de convívio... Tudo isso, de alguma forma, entra no caldo do Escola que Vale, que busca transformar a experiência escolar numa aventura pedagógica digna de ser vivida. As próximas doze páginas tentam mostrar um pouco como isso funciona. ■

NA MESA

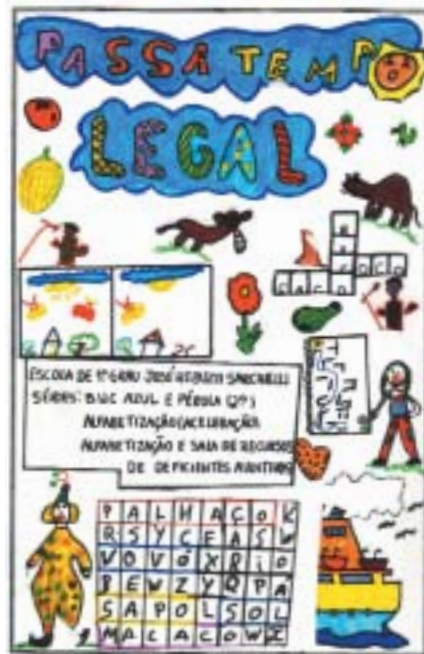
Num sistema educacional que, muitas vezes, parece beirar a inanição intelectual, o nome não poderia ser mais adequado: Cardápio de Projetos. Esse é o título do caderno que os professores recebem quando começam a trabalhar com o Programa Escola que Vale. Nele, estão listadas e detalhadas uma série de sugestões de projetos didáticos para o trabalho em sala de aula.

Os projetos são semestrais, e sempre culminam na elaboração de um produto final — que pode ser um livro, um vídeo, um cd etc. A idéia é levar alunos e professores a um trabalho cooperativo, em que é preciso tomar decisões, discutir idéias, planejar e avaliar tarefas, por aí vai. O que se espera, no fim das contas, é o desenvolvimento de capacidades de escrita e leitura e, o que é igualmente importante,



a conquista da autonomia – o Cardápio, é bom dizer, vale como o “pontapé inicial” no longo trabalho desses professores, que durante quatro anos trabalham com a supervisão do Escola que Vale e, depois, ganham independência para continuar descobrindo novas fontes de pesquisa e diversificando suas atividades.

De Cardápio na mão, os professores escolhem o projeto que mais lhes apetece, quer dizer, que mais tenha a ver com o trabalho desenvolvido na série em que lecionam. A dieta é variada: da pesquisa sobre “causos” e narrativas populares à criação de mini-enciclopédias, da leitura de poesias à organização de um museu temático. Cada projeto vem acompanhado de uma justificativa, orientações e sugestões de atividades. Com tanta informação disponível, o professor não tem desculpa pra não começar a botar a mão na massa — e saborear, no fim das contas, o prazer de um trabalho bem realizado. ■



CARDÁPIO DE PROJETOS



- As Paisagens do Lugar Onde Vivo
- As Receitas da Minha Terra...
- Jornal
- Narrativas Literárias “Causos”
- Narrativas Literárias “Contos de Fadas”
- Narrativas Literárias “Lendas”
- Pequena Enciclopédia
- Quem Canta, Seus Males Espanta...
- Quem Recita, Seus Males Evita...
- Um Museu Temporário
- Orientação para os Produtos Finais

VAI, PEDRINHO

De repente, tudo se precipita: palmas, gritos, tropeços, empurrões. O menino arregala os olhos, estarrecido, sem saber direito para onde o levam. Quando vê, está sobre um palquinho, diante de uma pequena multidão de pais e alunos. Olha em volta. Tenta enfiar as mãos nos bolsos. Reconhece a mãe na primeira fila, solta um sorriso, sai aliviado em sua direção. É interrompido por uma professora que lhe estende um microfone. Vai, Pedrinho, grita alguém. Ele olha em volta mais uma vez. Não tem a menor idéia do que está acontecendo – e é mais ou menos nesse momento que, como um raio, a lembrança lhe atinge o cucuruto.

Pedrinho vê um filme passar em sua cabeça. É uma espécie de curta-metragem, com imagens fragmentadas do semestre que passou: leituras em classe, trabalhos em grupo, pesquisas bibliográficas. A mão se soltando no papel. A leitura começando a fluir: “o-pa-to-pa-te-tá”... A escolha dos poemas, ensaios, a tensão das últimas semanas. O microfone pesa na mão pequenina de Pedrinho. Um segundo. Dois. Três. Silêncio na platéia. A família aguarda, atenta: o pai que só usa livro pra guardar dinheiro; a mãe que precisa de ajuda pra ler o destino dos ônibus. Vai, Pedrinho. Ele olha pro canto do palco. A professora tem as sobranceiras arqueadas. Ela diz alguma coisa, mas não sai som nenhum da boca dela. A professora olha nos olhos de Pedrinho. Pedrinho perdido, sentindo-se dentro de um filme mudo. Como? A professora abre bem a boca, escandindo as sílabas: “e-ra-u-ma-ca-sa...” Então, de novo como um raio, o rosto de Pedrinho se ilumina.

Ele começa a declamar o poema. Faz gestos com as mãos, interpretando cada verso. Está solto, leve, parece um profissional. A professora solta suspiros aliviados. Os pais soltam suspiros embasbacados. Quando termina a leitura, a sala se enche de aplausos e assobios. É engraçado, mas nessa hora Pedrinho parece ver tudo em câmera lenta. ■

Finalização de projetos. s. m. Ao final de cada semestre é realizado um encontro entre pais, alunos, professores e comunidade com o objetivo de apresentar os produtos realizados pelas crianças durante o semestre. A idéia é fazer com que o aprendizado tenha interlocutores reais, dando a ele um sentido compartilhado. O Pedrinho personagem dessa crônica representa um desses 28.000 alunos que apresentam suas produções a cada semestre. ■



DOCE LAR

Existem algumas profissões que são, por natureza, solitárias. Fala-se bastante da solidão do artista, do astronauta, do alpinista, do faroleiro — mas é muito raro ouvirmos algo a respeito da solidão do professor. No imaginário coletivo, o professor está sempre dentro da sala de aula, cercado de alunos, preocupado em fazer o arruaiceiro da última fileira parar de jogar papezinhos no colega ao lado. Só que a profissão não se resume a isso.

Grande parte do trabalho do professor está ligada à pesquisa, ao estudo, ao planejamento didático. Nesse sentido, há um isolamento do qual não se pode escapar: é parte da profissão, não tem jeito. Em muitos casos, no entanto, isso se radicaliza de tal forma que o professor não tem contato profissional com ninguém, não se atualiza, vive em torno do próprio umbigo. É daí que vêm o desânimo, a desvalorização, a estagnação profissional: sem ter como trocar informações e referências, o professor vai vendo seu trabalho definhando.

A Casa do Professor foi criada pra dar uma chacoalhada nessa poeira. A idéia inicial é simples, mas altamente eficiente: criar um lugar onde os professores possam se encontrar, estudar, discutir e repartir conhecimentos e experiências, sempre em parceria com as prefeituras. O Programa Escola que Vale disponibiliza espaços onde isso seja possível, equipando-os com computadores, livros, TV, som, internet etc. A Casa fica aberta a todos os professores da rede pública, não apenas aos participantes do programa, e aos poucos vai se tornando um lugar de referência na educação local.

A construção de um espaço como esse equivale à reconstrução da auto-estima do professor. Ao ver seu trabalho reconhecido, ele é capaz de mergulhar mais fundo na reflexão acerca de sua atividade e, assim, pode dar outra cara à sua trajetória. A distância entre o professor e sua profissão desaparece: ele sente-se em casa, literalmente. ■



Ipixuna do Pará - Canaã (PA)



Ipixuna do Pará - Canaã (PA)



Curionópolis (PA)



Catas Altas (MG)



Paragominas (PA)



Marabá (PA)



Marabá (PA)





CARAMINHOLAS

Adelsin e Viviane buscam cortar o fio que separa o mundo infantil do adulto, romper essa fronteira que a gente cria sem perceber e, quando vê, já não consegue mais ultrapassar. O objetivo é recuperar a “cultura da criança”, a experiência da brincadeira que, em tempos pragmáticos como os nossos, muitas vezes acaba tratada com desdém, como se fosse uma bobagem sem importância. Ao lembrar de suas “sabedorias” infantis, o professor reencontra o aluno dentro de si e, assim, é capaz de enxergar o próprio trabalho sob outro ponto de vista.

Receosos no início, os professores vão lentamente se entregando, lembrando a infinidade de coisas que aprenderam pelas ruas e quintais. Ao fim da oficina, quando param para refletir e discutir sobre o que fizeram, revelam a alegria de descobrir os tesouros da experiência. A infância transforma-se num valor, em algo a ser preservado. E as caraminholas vão embora definitivamente. ■

Eisso lá é oficina que se apresenta? Professores em roda? Cantarolando músicas infantis? Furando tampinhas de garrafa? Recortando pedaços de papel? Brincando de peão, de papagaio, de carrinho de lata, de helicóptero de cabaça?

Os desavisados devem mesmo ficar com a cabeça cheia de caraminholas. Imagine: um programa de formação de professores anuncia sua chegada a uma cidade; antes de iniciar suas atividades, convoca os futuros participantes para uma oficina inaugural; eles vão à oficina, onde esperam ser introduzidos ao conteúdo do trabalho, e são surpreendidos por um entusiasmado casal de mineiros, que começa a organizar brincadeiras, lembrar cantigas, fabricar brinquedos artesanais. Os professores se cutucam, se olham, se perguntam: qual o sentido de mexer com essa velharia?

Eis aí o xis da questão. Ao longo da oficina organizada por Adelsin e Viviane, os participantes começam a perceber que não estão ali para aprender algo novo. A idéia não é olhar pra frente, para o que ainda não se sabe e conhece, mas pra trás, pra bagagem que cada um traz da infância e, muitas vezes, soterra num canto escuro da experiência. Nesse sentido, podemos dizer que a idéia não é olhar pra frente nem pra trás: a idéia é olhar pra dentro.



Oficinas de arte. *s.f.* Oferecidas a todos os municípios que participam do Escola que Vale, as oficinas de arte fazem parte da estratégia formativa do programa. O objetivo é permitir aos professores apreciar e valorizar a cultura local, aproximá-los de sua capacidade de criar e ajudar em sua inserção no universo cultural. Também são oferecidas oficinas de pintura, desenho, cerâmica, colagem, escultura, xilogravura e arte-educação. ■



Autor desenho coletivo • Oficina de Artes Visuais - Março de 2003
Especialista Iara Lavelberg • Assistente: Laura Barbieri



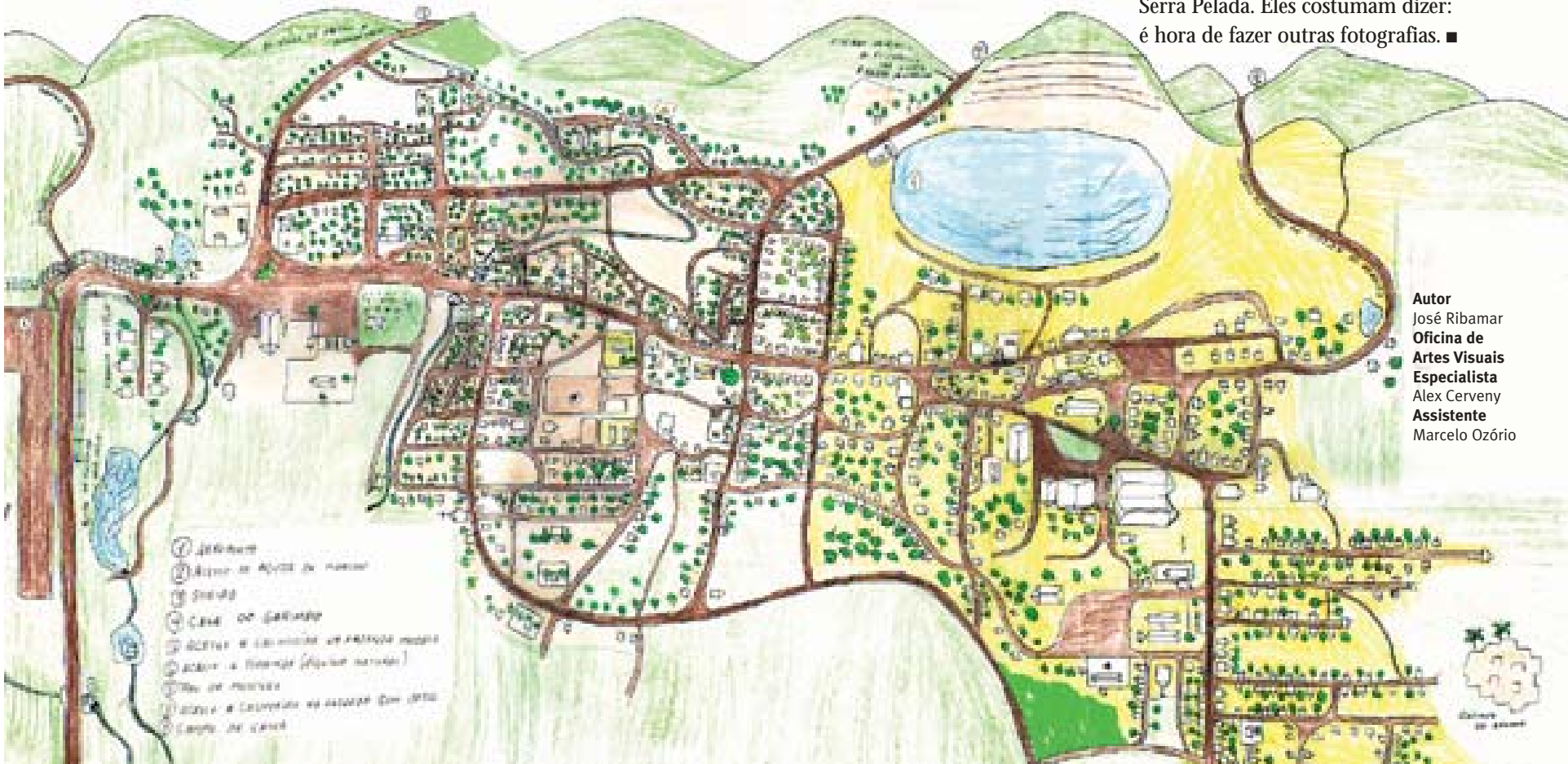
OUTRAS FOTOGRAFIAS

Vamos fazer um exercício de adivinhação. Dizer uma palavra, então descobrir o que você pensou. A palavra é: Serra Pelada. Você pensou em: um buraco imenso, repleto de homens de short surrado e um saco cheio de terra pendurado às costas. Acertamos?

Depois de ter visto aquelas impressionantes fotografias do garimpo de Serra Pelada, é mesmo difícil imaginar outra coisa. O que poucos sabem é que, duas décadas depois dessas imagens, Serra Pelada não é mais aquela. Muita coisa mudou, a começar

pelo velho garimpo — que se transformou, acreditem, num grande lago de água doce. Agora o lugar é alvo de um programa de desenvolvimento econômico e social, financiado pela CVRD e pelo BNDES — e o CEDAC também está nessa, implementando o trabalho em educação.

A atuação do CEDAC faz parte de um pool de ações centradas no distrito de Serra Pelada e no município de Curionópolis. Nosso trabalho por lá consiste em pôr em prática um programa semelhante ao Escola que Vale, com tudo aquilo que você deve ter visto nas páginas anteriores: capacitação de professores, realização de oficinas, implantação da Casa do Professor... O resultado desse trabalho está nos olhos de quem chega hoje a Serra Pelada. Eles costumam dizer: é hora de fazer outras fotografias. ■



Autor
José Ribamar
Oficina de
Artes Visuais
Especialista
Alex Cerveny
Assistente
Marcelo Ozório

RAÍZES DO BRASIL

A idéia é incomum: um programa cuja principal figura é uma árvore. É verdade que a televisão brasileira anda pobre em material humano, mas será que era preciso exagerar desse jeito?

Era. No programa *Um pé de quê?*, do canal Futura, a árvore é o ponto de partida para um agradável passeio pelas mais diversas áreas do conhecimento. A apresentadora Regina Casé pega a gente pela mão e, com humor e simpatia, vai nos levando pra lá e pra cá, da música à culinária, da história à botânica, da antropologia ao paisagismo.

No programa sobre o buriti, por exemplo, vamos até o sertão de Minas Gerais, onde descobrimos um vaqueiro que conheceu Guimarães Rosa e virou seu personagem; com a sapucaia, fazemos uma visita ao império brasileiro, tempo em D. Pedro II pintava e bordava nos jardins cariocas; já o abricó-de-macaco permite uma reflexão sobre Burt Marx e a urbanização do Rio de Janeiro.

A árvore, de fato, está fora dos padrões da nossa televisão: não fala, não cabe no enquadramento, não tem desenvoltura diante das câmeras, não tem os peitos inchados de silicone. Com Regina Casé, no entanto, ela ganha ares de estrela, de professora, de conselheira — e vira, assim, a metáfora de um Brasil vivo e disposto a crescer segundo as próprias forças. ■

E nós com isso?

Desde 2001 o CEDAC vem trabalhando com a TV Futura. Tudo começou quando fomos convidados a fazer uma avaliação educacional da grade de programação. Daí pra frente começamos uma excelente parceria na qual organizamos vários encontros para discutir o papel de uma TV educativa, bem como a produção de programas. E agora finalizamos a elaboração do material impresso que acompanhará um kit de 10 programas do *Um pé de quê?* O objetivo é dar subsídios para que os professores usem esses programas em sala de aula. ■



OS MISSIVISTAS ESTÃO CHEGANDO...

-----Mensagem original-----

De: Cláudia Valente

Enviada em: terça-feira, 19 de agosto de 2003 11:29

Para: Professoras

Assunto: Dúvidas e mais dúvidas



Queridas professoras:
Escrever quando não se sabe escrever... Será que isto é mesmo possível?

No começo do Projeto achei a idéia, no mínimo, inusitada. Acreditava que meus alunos, que sequer conheciam todas as famílias silábicas, não podiam de forma alguma escrever assim, por conta própria. E não é que uma das primeiras atividades de escrita do Projeto foi justamente a produção de uma lista? Meus alunos deveriam, individualmente, escrever o nome de seus três brinquedos preferidos... Não deu outra, né? A atividade foi um caos. As crianças não sabiam quais letras usar, ficaram ansiosas e com muito medo de arriscar. Teve aluno que se recusou a realizar a atividade - isso sem mencionar aqueles que começaram a chorar... Mas, o pior mesmo, foram os resultados. Quando comecei a analisar o que a turma tinha feito, encontrei erro atrás de erro. Um horror.

Bom, mas o que vocês acham de eu afirmar agora que os alunos sabem sim escrever quando ainda não sabem escrever convencionalmente? Hoje eu sei que aquela primeira atividade foi um caos porque eu ainda não tinha proporcionado aos alunos momentos nos quais eles pudessem pensar por conta própria sobre a escrita. Ou seja, até então eu ensinava o jeito certo de escrever algumas palavras e esperava que eles reproduzissem isso. Até aí tudo bem. Mas como pretender, assim, que eles se sentissem seguros e capazes para escrever do jeito deles? Essa foi uma das minhas primeiras aprendizagens: o professor deve levar o aluno a valorizar o seu próprio modo de pensar. E isso não acontece de uma hora pra outra. É todo um processo para que a criança deixe de lado a idéia de que tem de acertar tudo e responder o que o professor quer e comece a se arriscar e acreditar naquilo que sabe... ■



E nós com isso?

O trecho acima faz parte de uma das centenas de cartas trocadas através de emails ao longo de dois anos, entre professores e formadores, como parte do projeto Emails Pedagógicos. Durante dois anos, alguns professores do ensino fundamental receberam formação através de cartas que chegavam por email. Esse material será publicadas em um livro no ano de 2004, contando com a parceria da Telemar e CEDAC. O projeto se realizou graças a uma parceria entre Telemar, CEDAC e as Secretarias de Educação de Itatiaia (RJ) e Vassouras (RJ). ■

ESCREVER DE VERDADE!

Pela primeira vez, a bela Paraty foi cenário de uma festa literária que povoou suas ruas históricas de escritores e leitores vindos de diversas partes do mundo. Mas não foi só a “gente grande” que marcou presença no evento: durante três dias, graças à parceria entre FLIP, Secretaria de Educação, CEMBRA e CEDAC, trinta crianças participaram de uma Oficina de Criação Literária e puderam escrever e editar um livro.

O primeiro passo foi, naturalmente, a invenção de uma história. Como o tempo era escasso, a escritora Heloisa Prieto introduziu as crianças ao universo das histórias de suspense, ensinando-lhes estruturas narrativas que pudessem ajudar na criação de aventuras. Na sequência, uma grande história coletiva foi criada, em meio a muitas conversas e risadas entusiasmadas. Desta mesma história foram escolhidos trechos e personagens, de modo que cada criança pudesse contribuir com diferentes detalhes, estilos e pontos de vista.

No trabalho coletivo, havia a preocupação com ortografia, pontuação e a formalização do texto. No trabalho pessoal, privilegiou-se a fluência e coerência textual. Mas como criar um livro que contivesse essas duas formas de autoria? E como introduzir a criança ao universo da criação gráfica, que inclui ilustração, diagramação e encadernação?

Esse foi o desafio enfrentado pelo artista plástico Alex Cerveny e a encadernadora Hêlade Correa, que ajudaram a transformar a escola numa editora improvisada. As crianças foram apresentadas a processos que sempre acompanharam a história da escrita e da manufatura dos livros: bico-de-pena, carimbos feitos à mão, papéis marmorizados. O material inspirou a caracterização dos diferentes tempos históricos, gerando diários de criaturas de outros séculos, cartas antigas, isso tudo numa aventura que tem início num encontro de internautas.

Finalmente, para ser fiel à forma do romance epistolar, ou seja, o texto que nasce da escritura de cartas e, ao mesmo tempo, conter a grande aventura criada pelas crianças, a encadernadora optou por criar um livro diferente. Nele, o texto coletivo é acompanhado de pequenos bolsos nos quais estão inseridos envelopes com as narrativas individuais, com a caligrafia, os desenhos e as peculiaridades de cada autor. Assim nasceu o delicioso conto de suspense intitulado *Juro que é tudo verdade!*. ■



FALANDO COM AS PAREDES

Acredite: os espaços de uma escola são capazes de falar. Não como nós, por meio de palavras e discursos, mas através de seus volumes, acabamentos, móveis e, principalmente, pelo modo com que as pessoas circulam no meio disso tudo. Os espaços de uma escola comunicam idéias, sentimentos e valores. A intenção central do *Livro do diretor: espaços e pessoas* é justamente chamar a atenção do diretor para aquilo que o espaço de sua escola está dizendo. Será que esse espaço está de acordo com o projeto educativo da escola? Será que favorece as aprendizagens dos alunos?

O *Livro do diretor* foi elaborado pelo CEDAC especialmente para o diretor da escola pública brasileira. São idéias simples, econômicas e de fácil execução, relacionadas à reforma e construção do espaço escolar. Além dessas dicas práticas, o livro discute projetos pedagógicos que envolvam alunos, pais, professores e funcionários na melhoria das condições físicas da escola e, de quebra, ajuda o diretor a refletir sobre seu próprio papel educativo.

Através de ilustrações claras e didáticas, o *Livro do diretor* considera as especificidades de cada ambiente (sala de aula, banheiros, pátio, corredores, áreas externas) e mostra que, se arquitetura e educação estão sempre ligadas, no espaço escolar elas tornam-se quase irmãs siamesas. Não se trata apenas de reformar, pintar ou construir: o livro é também um convite para que alunos, professores, pais e funcionários se apropriem do espaço da escola e o transformem num instrumento a serviço da educação. É só abrir os ouvidos. ■

NO CASO DE UMA ÁREA DE LAZER INTERNA...

Verifique se a criação da área de lazer não atrapalha a circulação dentro da escola e se o barulho produzido pelas brincadeiras não vai interferir no trabalho dos outros professores nas salas de aula.

Pode-se aproveitar um espaço já existente. Dê um passeio pela escola e veja se você não tem disponível alguma sala, um espaço sem aproveitamento, uma parte do pátio etc. Não importa que o local não tenha paredes ou portas, pois podemos fazer fechamentos simples com divisórias leves ou até com biombos decorados pelos alunos.

Certifique-se de que há boa iluminação e ventilação. Um canto de sala sem janela, sem luz natural não é apropriado.



Cria-se espaços novos somente com a colocação de móveis ou vasos de plantas, ou, ainda, mudando a cor da pintura da parede e do piso naquele local.

Um espaço interno de lazer pode ter móveis, mesas, sofás, almofadas. É possível pintar uma das paredes com tinta de lousa, ter colchonetes no chão ou espalhar almofadas para os alunos se sentarem de forma mais confortável. É possível ainda inventar espaços diferentes com o material e mobiliário disponível sem grandes custos. Tente improvisar tendas e cabanas com lençol e outros pedaços de tecido. Tudo depende de imaginação e criatividade.

OUTROS PROJETOS

JOVENS: REALIDADE E EXPECTATIVAS

Período **2002**
Parceiro **Petrobrás**

Este trabalho pretendeu conhecer as necessidades, expectativas e auto representações que os jovens residentes em 4 municípios (Campos-RJ, Macaé-RJ, São F. do Sul-SC e Cubatão-SP, todos dentro da área de influência da Petrobras) têm de sua situação atual de vida. Além de entrevistas e discussões em grupo, foram realizadas oficinas de vídeo, xilogravura e fotografia, para possibilitar que os jovens se expressassem de outras formas. O objetivo foi recolher subsídios para orientar a implementação de ações sociais.

ANÁLISE DIDÁTICA DO PROJETO “NOSSA ESCOLA PESQUISA SUA OPINIÃO”

Período **2003**
Parceiro **Instituto Paulo Montenegro/ IBOPE**

O Instituto Paulo Montenegro, em parceria com a Ação Educativa, desenvolveu em 2002 o projeto Nossa Escola Pesquisa sua Opinião (NEPSO), visando introduzir o uso da pesquisa de opinião como instrumento didático. Após o primeiro ano o CEDAC foi convidado a realizar uma análise do projeto, para orientar o aprofundamento didático de suas ações. Para isso, realizamos entrevistas com diretores, professores, coordenadores gerais e coordenadores dos pólos, além de visitas às escolas participantes do projeto e leitura e análise de todo o material disponível.

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ

Período **2002/2003**
Parceiro **Secretaria Municipal de Educação de Jundiaí**

Este trabalho é uma atuação conjunta com a equipe de assessores pedagógicos da Secretaria Municipal de Jundiaí (SP) para a formação de professores, coordenadores e diretores. O objetivo é potencializar as ações de formação que já vêm sendo desenvolvidas nas escolas de ensino fundamental e educação infantil. Atualmente, o CEDAC prepara um livro sobre o programa da merenda escolar na cidade, registrando e relatando essa experiência reconhecidamente bem-sucedida.

CONCURSO DE REDAÇÃO EÇOFUTURO “ENTRANDO NOS SÍTIOS DE MONTEIRO LOBATO”

Período **2003**
Parceiro **Instituto Ecofuturo, instituído por Cia. Suzano de Papéis e Celulose**

O desafio deste projeto elaborado pelo CEDAC foi desenvolver uma proposta didática para o concurso de redação “Entrando nos Sítios de Monteiro Lobato”. O público-alvo desse concurso são os alunos de Ensino Fundamental (de 1a. à 8a. Série).

LIVRO SÃO PAULO 450 ANOS

Período **2003**
Parceiro **Bei Comunicações**

O projeto consiste na elaboração de dois livros: um deles, dirigido a professores do ensino fundamental, tem como tema a História de São Paulo e contém projetos a serem desenvolvidos em sala de aula; o outro, para os diretores das escolas públicas, discorre sobre o papel do espaço público na cidade.

Uma cidade:

CANAÃ DOS CARAJÁS

Canaã dos Carajás, no Pará, é uma cidade em dieta de engorda. Desde que se anunciou a exploração do cobre na região, há cerca de dois anos, o município não pára de crescer: dia após dia, o que se vê é gente chegando, casas aumentando, lojas e bares abrindo. Parada ali, no meio da algazarra, Maria Maura Barbosa lembra do tempo em que tudo aquilo não passava de um minúsculo vilarejo, formado por meia dúzia de casebres. Coordenadora regional do programa Escola que Vale, Maura viu Canaã crescer e, junto com a cidade, seu trabalho com os professores foi ganhando outra dimensão.

Não é fácil. O crescimento acelerado dificulta o planejamento das atividades, e a cada vez que se chega por lá parece que uma nova cidade acabou de surgir. Os participantes do programa se multiplicam, é preciso retomar tudo o que foi visto anteriormente, mas nada disso é capaz de assustar a coordenadora — muito pelo contrário. “O barulho de Canaã é uma coisa muito bonita: prego, martelo, serraria. A gente sente a cidade sendo construída.”

Deve ser curioso trabalhar num lugar desses. É como uma criança pequena, cujo corpo se transforma a cada mês: não há um retrato fixo, fica impossível dizer exatamente como ela é ou será daqui pra frente. Um dia, quando o crescimento se estabilizar, talvez seja possível traçar um perfil mais preciso de Canaã dos Carajás.

Por enquanto, o negócio é continuar trabalhando e seguir embalado pelo doce acalanto que Maura e seus colegas escutam dia após dia. Em Canaã, certamente, o barulho de prego e martelo não incomoda ninguém: faz dormir, na certeza tranquila do trabalho bem feito. ■

*O CEDAC, através do Programa Escola que Vale, está trabalhando em Canaã dos Carajás desde agosto de 2002.



cedac

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Maria do Carmo Carvalho Campello de Souza
Vice-Presidente: Antonio de Pádua Prado Junior

Conselheiros

Esther Império Hamburger
Helena Maria Freire da Mota e Albuquerque
Lino de Macedo
Roseli Fischmann

CONSELHO FISCAL

Presidente: Fernando Lopes Carvalho
Vice-Presidente: Maria Eunice Fernandes Felipe
Conselheiro: Elio Jardimovski

Coordenação Geral

Beatriz Cardoso
Cristina Pereira
Tereza Perez

Coordenação Pedagógica

Beatriz Cardoso
Cristina Pereira
Regina Scarpa
Tereza Perez

Equipe Pedagógica

Aloma Fernandes
Ana Amélia Inoue
Ana Carolina U. Cintra de Carvalho
Andréa Daher
Andréa Guida Bisognin
Ângela Maria M. da Silva de Mattos
Ariana Rocha
Claudia Aratangy
Claudia da Silva Dias Valente
Cristina Zelmanovitz
Daniela A. Amorim Ventura
Eliane Mingues
Francineide Bezerra
Mara Rúbia Alves de Souza Soares
Márcia Cristina da Silva
Maria de Lourdes Mello Martins
Maria Maura Barbosa
Marli Soares de Souza Lima
Patrícia Helena da Silva
Paula Stella
Regina Cabral
Waldirene Costa
Yarami Nunez Moura

Equipe de Arte

Adelson Murta Filho
Alex Cerveny
Carolina Aguiar
Chakê Ekizian
Daniela Xande
Hélade da Rocha Correa
Heloisa Pacheco
Heloisa Prieto
Inêz Pinheiro
Iza Figueiredo
Laura Barbieri
Marcelo Ozório
Marcia Borges
Mária da Penha Brant
Maria Morena de Godoy
Pedro Mourão
Rodrigo Mourão
Rosa Iavelberg
Rosane Pamplona
Sandra Santos
Sara Goldchmit
Silvio Dworecki
Stela Barbieri
Tânia Fernandes
Thea Standerski
Valentina Soares
Valéria Pimentel
Viviane Fortes da Silva

Coordenação de Produção

Maria de Fátima Assumpção

Equipe de Produção

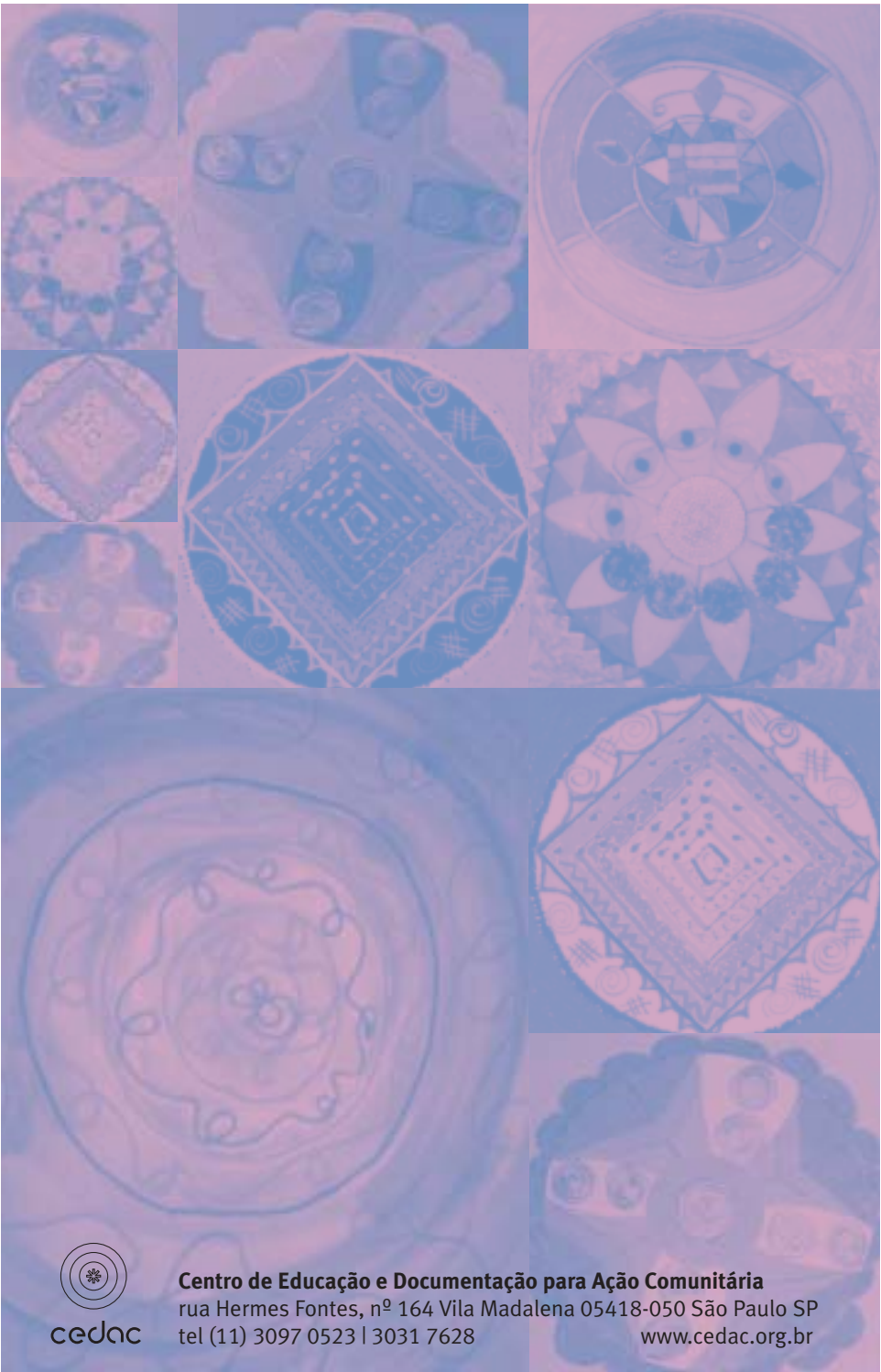
Fernanda Savoldi
Luana Haddad
Manoela Figueiredo

Equipe Gerencial

Fátima Assumpção
Manoela Figueiredo
Tereza Perez

Apoio Administrativo

Renato Augusto da Conceição
Solange Rigo
Tânia Barilli



Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária
rua Hermes Fontes, nº 164 Vila Madalena 05418-050 São Paulo SP
tel (11) 3097 0523 | 3031 7628
www.cedac.org.br